

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

O presente dossiê se insere no campo da Pesquisa em Educação e traz contribuições que propõem circular problematizações e resultados oriundos dos estudos e investigações desenvolvidos no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em Educação e respectivos grupos de pesquisa, no contexto da pandemia da covid19 diante do isolamento social vivenciado. É de nosso interesse problematizar as condições, situações e achados nas pesquisas com currículo e docência que abalroem o significante “educação democrática” e suas possíveis reconfigurações, movimentos, (des)locamentos e (des)estabilização, neste cenário pandêmico, e, possivelmente, nos cenários pós-pandemia.

Apresentamos um dossiê que tenciona em sua contextualidade, atualidade e contemporaneidade o que acontece nas salas de aula virtuais e que considera os riscos que a escola e a educação democrática correm diante da uberização do trabalho, dos avanços no apostilamento dos recursos didáticos promovidos pelas fundações e Edtechs privatistas, da educação domiciliar e da redução da escola ao ensino e do ensino à BNCC, e que não pode desprezar os mapas abissais que historicizam e interseccionam os currículos criados como conversas complicadas nos chãos das escolas (SUSSEKIND, 2019).

Consideramos, também, refletir acerca das reconfigurações que perpassam as pesquisas em Educação com o deslocamento do espaço escolar para um contexto de ensino remoto, a partir de movimentos emergenciais e improvisados de uma escolarização em ambiente virtual.

A cartografia da escola/universidade exige dizer sobre relações de opressão sobrepostas, numa síntese tentadoramente perfeita daquilo que os movimentos teóricos procuram entender como interseccionalidade. Segundo Kimberlé Crenshaw (2002) a interseccionalidade constitui também um desafio, pois ela aborda diferenças dentro da diferença e nos obriga a assumir que “existe um jeito certo de estar na Terra, uma concepção de verdade que guiou muito das escolhas feitas em diferentes períodos da história” (KRENAK, 2019, p. 8). E percorrendo territórios nas guerras permanentes por esse mapa abissal, cujas linhas se movem e sustentam em velhas ideias, enquanto populariza-se a tendência de descolonizar, conhecimentos, currículos, as escolas, universidades e a docência,

advogando que os conhecimentos que se configuraram como ocidentais, eurocêntricos, capitalistas, coloniais, brancos e heteropatriarcais se tornaram hegemônicos.

Nesse lugar de poder, tendo imenso desinteresse em re-conhecer a pluralidade do mundo, acabam por desperdiçar sua humanidade. Assim, se reconhece único, melhor, total e, até mesmo, neutro. Torna-se não só hegemônico, mas único (SANTOS, 2001). Na disputa fronteiriça, resistindo à belicosidade da máquina barulhenta e expansionista (CERTEAU, 1994) há corpos, vozes e ações dissidentes que põe fim à natureza como ordem de sujeição e demandam um novo contrato social. Em que seja possível “aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas” (PRECIADO, 2017, p. 21).

Num contexto de ataques à democracia, ao republicanismo, de criminalização dos conhecimentos e daqueles que têm sua criação por ofício, faz-se urgente investir teoricamente, metodologicamente e epistemologicamente em publicações comprometidas com a resistência no sentido da ontologia da pessoa ordinária, como fez Michel de Certeau (1994). De acordo com o autor, as pessoas comuns, ordinárias – como professores e estudantes – foram mal interpretados como consumidores passivos de ideias. Seria, assim, um erro considerá-los capazes de copiar ou reproduzir livros, conhecimentos, ditados, listas, planejamentos de aulas ou currículos.

O reuso, a reinvenção são *espaços-tempos* de abundância de oportunidades e astúcias que o cotidiano, em sua riqueza e insubordinação oferece para que as pessoas comuns possam inverter, subverter, reverter e criar suas práticas e táticas de uso do que lhes é imposto. Assim, em sua ordinariedade, em sua *comunidade*, vivendo em comunidade (onde o homogêneo é epistemologicamente inviável e politicamente indesejável) pessoas comuns inventam ideias, interpretações, significados e currículos diferentes todo tempo, em movimentos de bricolagem, negociação e acordo, mas não de unificação/homogeneização, diante de múltiplas (im)possibilidades.

Tais problematizações se pautam em uma articulação de estudos do campo da Teoria Crítica a estudos Pós-estruturalistas, principalmente aqueles com lentes teóricas sob o viés da discursividade. Essa proposta é, portanto, uma mobilização de sentidos sobre educação, tem como foco pesquisas que habitam universidades e escolas, questionam a escola

democrática e seus fluxos tais como docência, currículo, didática, formação de professores, ensino, aprendizagem, entre outros, os quais revelam ‘apostas político- pedagógicas’, bem como suscitam perguntas que se articulam com o objetivo geral do Dossiê, ou seja, as nossas inquietações teóricas, quais sejam: Como defender a escola e fazer a defesa dessa defesa, em meio ao ensino remoto? Quais os sentidos possíveis de democratização e escolarização a se disputar, ou que vimos disputando, neste cenário pandêmico? Que tipo de educação democrática queremos defender/disputar, e defender de quê ou de quem, no contexto pandêmico e pós-pandêmico?

Como pensar as políticas curriculares e de formação de professores diante dos ataques neoliberais e conservadores e do que aprendemos na pandemia? Considerando que a pandemia da covid-19 acentuou e esgarçou as desigualdades sociais, econômicas, raciais e de gênero já existentes a níveis nacionais e internacionais, quais são as resistências e (im)possibilidades apontadas pelas pesquisas do campo da educação, didática, currículo e formação?

Em síntese, interessa-nos explorar, principalmente, a categoria ‘educação democrática’ a partir do enfoque das lutas pela significação de termos como escolarização e práticas didático-metodológicas colocados hoje ‘sob rasura’ quando nos referimos às desestabilizações provocadas pela pandemia da covid19 e, por conseguinte, pelo isolamento social e pelas aulas remotas e/ou híbridas. Com este objetivo, combinamos neste dossiê, que se consolida em 10 artigos que trazem resistências, movimentações e deslocamentos, múltiplos enredamentos em revoluções subalternas (PRECIADO, 2019), que enfrentam, borram e empurram as linhas desse mapa de opressões múltiplas, abissais, desenhado pelo o capitalismo, colonialismo, patriarcalismo e fundamentalismos e, distopicamente, diatopicamente, nos comprometem com a produção de presenças, de existências, de vidas, em relações de solidariedade também descolonizadas e humanizadas através do reconhecimento da diferença.

Há, por parte dos proponentes desse Dossiê, uma preocupação com a existência de múltiplos olhares de estudos e pesquisas realizadas no âmbito de grupos de pesquisa, sobretudo estudos desenvolvidos em parceria entre orientadores e orientandos, bem como pesquisas desenvolvidas em diversas cidades brasileiras, realizadas em articulação com escolas das respectivas redes municipais e estaduais.

Abrindo este dossiê se encontra o artigo “Covid-19! QUEM 'DESCOBRIU' QUEM? rumo a uma teoria curricular itinerante dos povos” do professor João Menelau Paraskeva, teórico do campo do currículo que tem destaque na discussão sobre a tradição teórica do campo, o moçambicano que leciona faz anos na Universidade de Massachusetts (UMASS/Darhmouth), escreve de Boston, nos Estados Unidos, relaciona a itinerância que defende para o campo teórico com as percepções de uma era que normalizou o absurdo e a anormalidade. De sucessivos caos econômicos e ambientais devastadores, o mundo está agora diante de uma pandemia com uma pegada letal em todo o planeta. O pandemônio se tornou global. Seu artigo situa a atual pandemia de COVID-19 no contexto de uma infinita pletera de sagas devastadoras empurrando a humanidade para uma grande regressão inimaginável. Ao fazer isso, o artigo examina como essa pandemia reflete as próprias cores de uma cegueira epistemológica intencional que enquadra o raciocínio eurocêntrico, que paralisou a economia política do capitalismo global, aprofundando e acelerando uma crise sem fim. O artigo também explora a construção social da pandemia e defende formas alternativas de pensar e fazer educação e teoria do currículo, alternativamente, para desafiar o raciocínio eurocêntrico ocidental moderno. Ao fazer isso, avança a teoria do currículo itinerante como uma abordagem justa, que respeita a diversidade pluri-epistemológica do mundo.

Pensando em problematizar os enunciados reformistas de controle e responsabilização estimulados por setores empresariais e governamentais, no contexto da pandemia da COVID19, *Luciano Freitas Filho* (IFBA/Salvador-BA) e *Maria Luiza Süssekind* (UNIRIO/Rio de Janeiro-RJ) apresentam contrapontos a esses enunciados, a fim de estabelecer uma defesa de sentidos plurais das *universidadescolas*, percebendo as categorias ensino e pesquisa e sua interface com o cenário pandêmico, por meio da ideia de um currículo e de uma docência desviantes. O artigo “**Universidadescola e as disputas no contexto da pandemia: movimentos desviantes e currículos de co-presença**”, a partir de uma epistemologia decolonial, defendem os currículos como territórios plurais de aprenderensinar, das *universidadescolas* como aparelhos públicos e do público. E apostam nos conhecimentos e vivências ausentes ou distanciados por modos de pensamentos

coloniais, que se instituem neste cenário pandêmico (e no porvir pós-pandêmico) em movimentos de resistência e criação por uma co-presença nas Universidadescolas.

Os autores, *Érika Elizabeth Vieira Frazão* (UFF/Niterói-RJ), *Eleonora Abad Stefenson* (UFF/Niterói-RJ) e *Gustavo Junger da Silva* (UERJ/Rio de Janeiro-RJ), no artigo intitulado **“Racismo, Educação e Covid-19: é possível uma educação libertária em tempos de ensino remoto?”** instigam os leitores a perceberem as disputas políticas em torno de significações de escola/educação pública democrática numa sociedade racialmente estruturada como a brasileira. Neste sentido, o artigo apresenta uma discussão teórica sobre o conceito de Democracia Radical e Racismo Estrutural. Apresenta e analisa os dados da PNAD Contínua TIC 2018 buscando compreender a realidade do país no momento pré-pandemia em um contexto de profundas desigualdades socioespaciais que marcam o território nacional. E se propõe a refletir sobre possibilidades de práticas democráticas nas relações escolas-estudantes que se construam para além do acesso – contribuindo para a superação do passado colonial brasileiro e que pense a construção de uma autêntica democracia racial.

Em **“Conversas da escoluniversidadescola por meio do estágio supervisionado em inglês: vivências críticas durante a pandemia em 2020”**, *Gleison Araújo* (UnB/Brasília-DF) e *Mariana R. Mastrella-de-Andrade* (UnB/Brasília-DF) refletem sobre o papel da escola e do estágio supervisionado no contexto das reflexões sobre docência e formação de professores em tempos de pandemia. Neste artigo, relatam as experiências vivenciadas em estágio supervisionado remoto de Licenciatura em Letras-Inglês, fazendo uso da lente teórica decolonial para discutir as (im)possibilidades das didáticas articuladas com novas tecnologias em vista das relações interpessoais e da prática curricular sem o “chão da escola”.

Intitulado **“O que me dói é ver as crianças nas caçambas”**: **criações docentes e desigualdades em tempos de Covid-19**, o texto de *Ana Gabriela da Silva Vieira* (UFPEL/Pelotas-RS), *Luciane Tavares* (UFF/Niterói-RJ) e *Márcio Caetano* (UFPEL/Pelotas-RS) problematiza as situações emergenciais decorrentes do cenário pandêmico atual, e suas incursões nos cotidianos sociais de diversos vivenciadas por docentes e estudantes de cidades interioranas do Rio Grande do Sul, revelando, nestes contextos, cenários de desigualdades socioeconômicas para o acesso digital e no que se

refere às práticas docentes. Um estudo, inclusive, desenvolvido remotamente e que, dessa forma, revela outros possíveis percursos para a realização da Pesquisa em Educação diante da contingência da pandemia.

Os autores *Paulo de Tássio Borges da Silva* (UFSB/Itabuna-BA), *Ana Paula da Purificação de Moura* (SEC/Salvador-BA) e *Rafael Reis da Luz* (UFRJ/Rio de Janeiro-RJ) por meio de um estudo de caso desenvolvido no “Complexo Integrado de Educação” em Itamaraju/Bahia, no artigo **“Políticas curriculares no contexto da prática em tempos de pandemia: análise dos fazeres do complexo integrado de educação de Itamaraju-BA”** discutem como a falta de equipamentos, de formação continuada de professores para o trabalho com novas tecnologias e da existência de uma carência de recursos públicos e conectividade por parte dos estudantes, puderam ser trabalhadas para a viabilização de uma educação pública de qualidade, no ano letivo de 2020.

Pensando o cotidiano escolar do município de Tabatinga-Amazonas, no cenário pandêmico de 2020/2021, *Leonardo Ferreira Peixoto* (UEA/Tabatinga-AM) e *Rafael dos Santos Vieira* (UEA/Manaus-AM) discutem as ressignificações das práticas pedagógicas de diversos alunos e professores da rede municipal, em face das dificuldades existentes no cotidiano deste município. Por meio de diversas narrativas docentes e à luz das reflexões teóricas freireanas, o artigo **“Cotidiano escolar e pandemia da covid-19 na Amazônia”** apresenta as possibilidades de resistências e processo de criação diante de um cenário de isolamento social e vivência dos lutos, em virtude da pandemia da COVID19.

Com enfoque no ensino de Música na educação básica, mais especificamente no contexto da rede pública municipal de Sobral-Ceará, o texto **“Eu tô tentando sobreviver no inferno”: currículos, precariedades pandêmicas e resistências em educação musical”**, de autoria de *Isabel Maria Sabino de Farias* (UECE-Fortaleza-CE) e *Wenderson Silva Oliveira* (UECE/Sobral-CE) revela os enfrentamentos vivenciados pelos estudantes, sobretudo aqueles LGBT, estudantes com deficiência e os discentes negros, diante da precariedade e existência de necropolíticas locais no cotidiano da pandemia, e na busca de um ensino-aprendizagem de música (bem como de outros componentes curriculares) de forma inclusiva e democrática.

Em “**O protagonismo docente na educação das relações étnico-raciais: resistência epistemológica em tempos de pandemia**” *Eugênia Portela de Siqueira Marques* (UFGD/Dourados-MS) e *Wilker da Silva Solidade* (UFPR/Curitiba-PR) abordam o protagonismo de docentes da rede municipal de Campo Grande- Mato Grosso do Sul para estabelecer percursos didáticos e metodológicos em vista do ensino remoto e os enfrentamentos decorrentes das limitações que esse tipo de ensino tem promovido, ao longo da pandemia. O texto busca ressaltar os movimentos epistemológicos articulados pelos professores para pensar, entre outras coisas, a realização da educação étnico-racial voltada aos alunos das escolas acessadas pelo estudo.

Por fim, fecha o dossiê, o artigo onde, a partir de um trabalho de Extensão universitária, *Auxiliadora Maria Martins da Silva* (UFPE /Recife-PE) e *Maria Sandra Montenegro S. Leão* (UFPE /Recife-PE) discutem os enfrentamentos do Quilombo Portão do Gelo- Xambá/Pernambuco, seus lutos e as práticas de resistência, em meio à pandemia da COVID19, para dar continuidade a um trabalho pedagógico com mais de 90 anos de existência, ao encontro da reafirmação da cultura negra e de uma práxis antirracista. O artigo “**90 anos do quilombo do Portão do Gelo: processos educativos, enfrentamentos e resistências no contexto de pandemia**” defende a necessidade do diálogo permanente entre universidades públicas com espaços sociais e culturais diferentes da cultura acadêmica, mas que não deixam de construir complexas e inteligentes percepções de mundo e de vida.

Com a força, o entretecer das redes de conhecimentos e solidariedades, e tantos aprenderes-ensinares que se fortalecem nas resistências originais, tradicionais, dos oprimidos e das minorias, mas também nas resistências teóricas, é com muita felicidade e otimismo que publicamos o dossiê “**Pesquisas em Educação na pandemia: precariedades, (im) possibilidades e resistências democráticas**”, organizado a seis mãos, virtualmente, em diferentes cidades por 3 pesquisadores com inspiração e ousadia. Trabalho de mais de um semestre que seria impossível sem a árdua, generosa e carinhosa colaboração dos autores de todos os cantos do Brasil, e de fora daqui, e, sobretudo das equipes de edição da Revista Momento. Obrigada!

Convidamos você leitor, leitora e leitore a resistir conosco. A gente se encontra na rua!

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRENSHAW, K. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. *Revista de Estudos Feministas*, v. 7, n. 12, p. 171-88, 2002.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

PRECIADO, P. Ser trans é cruzar uma fronteira política. El Brasil. 10.04.2019. Acesso: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultura/1554804743_132497.html

PRECIADO, P. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SANTOS, B.S. **Crítica da Razão Indolente**: Contra o desperdício da Experiência. São Paulo: Cortez, 2001.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. *Retratos da Escola*, v. 13, n. 25, p. 91-107, 2019. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/980>>. Acesso em 05 set. 2021.

Editores

Prof^a. Dr^a. Érika Elizabeth Vieira Frazão
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof. Dr. Luciano Carlos Mendes de Freitas Filho
Instituto Federal da Bahia – IFBA

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Sussekind Verissimo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO